CDPM
DOCUMENTAÇÃO
TL738
5150

Público-Já sabia que o Presidente Mário Soares vai estar sexta-Feira no Vaticano? O senhor já sabia dessa notícia?

É a primeira vez que oiço.

P-Essa notícia merece-lhe algum comentário? O que é que espera que o Presidente Soares possa dizer ao Papa em relação à situação em Timor?

Bem, teria de falar ao Presidente mas não ao jornal PÚBLICO

P-Mas pensa que o Presidente pode ter...

Não interesa estar a dar a minha opinião ao jornal se o Presidente está para Itália.

P-Não o Presidente ainda lá não está. Vai estar na sexta-Feira. Pode através de nós fazer chegar a sua mensagem ao Presidente Soares.

Bem se os senhores tem acesso ao Pálacio de Belém, pode-lhe transmitir que pense em nós.

P-Que pense em vocês. Como está aí a situação?

Está normal.

P- Não tem havido manifestações nem tensões ultimamente?

Está calmo. As últimas foram no dia 17 e 18 e 19 de Janeiro.

P- Foi quando da visita do Embaixador Americano?

Sim.

P- Em relação à possibilidade dos deputados Portugueses visitarem Timor, o que lhe parece que Portugal devia decidir?

Eu quero saber primeiro se vêm mesmo ou não?

P- Sabe que a Indonésia tem colocado algumas dificuldades em relação à concretização da visita.

Todas as visitas são importantes.

P-Acha importante os deputados Portugueses visitarem Timor?

Bom, depende dos deputados Portugueses. Queremos saber se vêm este ano ou para ano.

P- Via bem que essa visita se realizasse o mais depressa possível.

Depende da delegação portuguesa

P-Quando diz depende, a que se refere. Depende de quem vai?

Depende de quem vai e de como determinar as coisas, não? Portugal é potência administradora e creio que tem poder para decidir.

P-E portanto pensa que a visita devia decorrer também sem qualquer restrição à actividade dos deputados...

Isso não posso dizer. Isso dizem os próprios portugueses porque eles é que realizam a visita.

P-Em relação àquele acordo sobre a exploração do petróleo no mar de Timor, entre a Austrália e a Indonésia, o que é que lhe parece, isso trouxe malefícios para a causa de Timor a nível internacional?

Bem, nós aqui, entre o povo, houve um bocadinho a desilusão. Como é que se passou assim por cima das leis internacionais, dos acordos que se fazem... O povo não ficou satisfeito.

P-Pensa que Portugal devia ter feito outras coisas que não fez?

Pergunto, como é que reagiu Portugal, porque é que não se ouve nada, não se ouviu qual foi a posição portuguesa em relação a este acordo?

P-Portanto, pensa que Portugal devia ter sido mais activo nesta questão?

Eu estou a perguntar ao senhor, para nos dizer pelo menos, como foi aí a reacção portuguesa?

P-Pois. a reacção portuguesa foi, posso-lhe dizer, terá sido muito pouco eficaz, porque, falou-se por aqui também muito pouco e depois a questão foi abandonada, praticamente a nível diplomático e a nível internacional. Pensa que isso deveria ter sido mais reforçado?

Bom, como nós aqui não sabemos nada, não ouvimos nada, não podemos dizer mais reforçado ou menos reforçado.

P-E ao nível geral, acha que a actuação das autoridades portuguesas sobre a questão de Timor tem sido a mais correcta, ou acha que deixa muito a desejar ainda? Deveria ser mais intensa e mais permanente?

Tem sido muito vacilante desde 75, 76, 78 para cá. A coisa está muito apagada, digamos assim, na diplomacia portuguesa. Isto penso eu, não é? Há mais entendidos do que eu.

P-E em relação à Igreja? A Igreja tem sido acusada também a nível da hierarquia, sobretudo do Vaticano, de não estar também a prestar o apoio devido à causa de Timor Leste. O que é que lhe parece?

Qual Igreja?

A hierarquia, concretamente alguns sectores no Vaticano, o Núncio do Vaticano em Jacarta. O que é que lhe parece?

Aí, é melhor o senhor perguntar a eles. Eles sabem melhor do que nós, têm maior visão do que nós.

De qualquer maneira, em relação aos resultados da visita do Papa, pensa que os resultados foram positivos para a causa de Timor ou acha que a visita só agravou a questão?

Eu não posso dizer positivo ou negativo, não é? Para a Igreja a visita pastoral foi positiva, positivissíma. Agora sob as outras perspectivas, os senhores é que podem dizer, se é positivo ou negativo. Para nós como católicos que somos é positivo.

P-E, já agora, houve sempre uma certa confusão em relação ao facto de ter havido ou não vítimas, aí no final da celebração da eucaristia em Díli. Confirma-se que a polícia indonésia matou mesmo gente, só prendeu, que notícias é que teve?

Não, não matou. Não houve vítimas. Depois do * da demonstração, nuinguém morreu lá.

P-Portanto só houve prisões na altura?

Prisões houve depois, mas está tudo liberto. Isto não é bem prisões, uns três ou quatro dias de interrogatório e o caso passou.

P-O senhor lembra-se que há quatro ou cinco anos se encontrou com o presidente Soares. Nessa altura, parece que essa conversa, segundo algumas pessoas aqui de Portugal, essa conversa terá sido decisiva. Que impressões é que tirou dessa conversa com o presidente Soares?

Bom, na altura o Dr Mário Soares era 1º Ministro. Que conversa era?

P-Foi uma conversa que teve aqui em Lisboa, em 85, a respeito de Timor.

Falou-se de muita coisa. Não me lembro de que coisas.

P-Mas o senhor esteve com ele nessa altura, não foi?

Estive, não sozinho, em particular, mas foi durante um jantar.

P-E depois de ter conversado com ele, pensa que essa conversa foi importante para o desenvolvimento da causa de Timor, para a actuação de Portugal?

Eu na altura voltei um bocado desiludido de lá.

P-Voltou desiludido?

Voltei, na medida em que o Sr. Dr. dizia, na altura e não agora que é presidente da República, que o caso de Timor parecia uma pirâmide virada ao contrário. Portanto tinha de se começar cá por baixo, por * pequeninas, isto é de tratar de manter a cultura portuguesa e mandar voltar os empregados * portugueses, manter a ciadadania portuguesa. Mas, isso era um problema, o problema de Timor, que dizem que é muito difícil. Portanto na altura voltei desiludido. O desenvolvimento posterior da poisição e do pensamento do Sr. Presidente da República, não sei, não sei dizer, porque não temos comunicação, não temos jornais, não temos nada, não posso avaliar agora.

P-Timor continua isolado, não é?

Aberto** mas não temos esses meios, não temos esses jornais que os senhores têm por aí. Esperamos que haja algum benfeitor que nos mande alguns desse jornais atrasados, pelo menos.

P-Correm notícias aqui que o Senhor já se encontrou com Xanana Gusmão. Quantas vezes é que se encontrou com ele, Sr. Bispo?

Bem, só me encontrei com ele no dia 25 de Abril de 1986.

P-Que impressões guarda dessa conversa?

Impressões boas.

P-A guerrilha tem feito algumas acções por aí, tem notícias disso?

Neste momento, ultimamente tem estado, digamos, mais parada.

P-Mas, mesmo assim, há notícias de algumas acções, mesmo que sejam relativamente pequenas?

No outro dia, no início de Abril entraram em duas vilas, enfim para levarem coisas, não digo roubar, mas enfim... Mantimentos, roupa, porque de facto isto é verdade. Não mataram, nem queimaram casas.

P-Sr. Bispo, há aqui alguns sectores, alguma pessoas em Portugal que dizem também que o senhor estará a ser manipulado. Citam concretamente aquela carta que saíu em Fevereiro, no "Obseravatore Romano" sobre o Natal e em que o Senhor apelava à calma e à concórdia e à reconciliação e que interpretavam isso como correspondendo a algumas cedências, concretamente do Núncio e das autoridades indonésias. Sente-se sob pressão?

Não sinto nenhuma pressão e era preciso dizer que é preciso calma, porque se não tivesse calma, todos os dias tinhamos aqui demonstrações e pancadarias. Também é de * de dizer de vez enquando calma, não? Calma, reconciliação, se isto é manipulação, então pronto, estamos a trair o nosso dever e obrigação de acalmar a situação geral e de apelar para a paz. Não sei como é que se entende isso por manipulação.

P-Continua portanto a defender o referendo à população?

O direito é "o povo é que mais ordena". Cantamos aqui na "Grândola, Vila morena", o povo é que mais determina.

P-Portanto, na sua opinião, a carta que escreveu no ano passado ao secretário geral da ONU mantem-se válida?

Pelo menos ainda não foi retirada, não? *** A carta ainda lá está, para a consideração dos senhores do mundo.

P-Para si, para a sua consciência, essa carta continua portanto actual, não é?

Actualissíma.

P-Sr. Bispo, é verdade que esta sua nota pastoral, de Dezembro, não terá sido escrita por si, mas por um padre indonésio?

Eu não a escrevi** Eu escrevo sempre as minhas coisa e quando, por exemplo, preciso de traduzir, às vezes pergunto a outro para traduzir.

P-Mas o "Observatore Romano" dizia que o seu original era indonésio. O senhor não costuma escrever as cartas pastorais em indonésio?

Escrevo em português e mando-as traduzir em indonésio. Faço também aqui as minhas homilias, escrevo-as em português e mando-as traduzir para indonésio ou "tetum".

P-Portanto o original da carta não era em indonésio mas sim em português?

Quer dizer, o original, aqui comigo é em português. Depois a sair para o público, um público maior, é em indonésio. Não quer dizer que foi escrito por um padre.

P-E quando o Senhor diz que o Natal nos convida a perdoar uns aos outros e a esquecer o nosso amargo passado e a abandonar os desejos irrealistas. Isto significa que o Senhor está a voltar atrás nalgumas coisas, ou não?

Não volto atrás, não. Apenas insisto na reconciliação e em perdoar-se mutuamente.

P-E, para si, o que é que são estes desejos irrealistas de que o Senhor falava?

Quer dizer, estão sempre a dizer que chegam delegações, chegam delegações... Também aqui as pessoas vivem muito no ar, ouvem muito esses boatos que há. Eu refiro-me mais aos boatos.

P-E mais à frente, o senhor parece que refere que cada pessoa deve ter a coragem de evitar todas as coisas que poderão provocar confusão, como as manifestações, os incitamentos da juventude, a distribuição clandestina de panfletos. Isto é uma condenação das

actividades da guerrilha ou que sentido é que o senhor dá a esta frase da sua carta?

Condenação tanto de uma parte como da outra. Naquela altura havia panfletos de todos os lados, agitação de ambas as partes. Condenação das duas partes.

P-Senhor D. Ximenes, qual é o maior desejo para a sua actividade apostólica aí em Díli?

O maior desejo meu é que os timorenses vivam em paz e se reconciliem e vivam unidos. Esta reconciliação é um caminho muito longo a andar, ainda é um caminho muito difícil a ser trilhado pelos timorenses.

P-E implica também a autodeterminação do próprio povo timorense?

Eu não direi isso. Eu direi, primeiro a reconciliação entre os timorenses.